

Isabel

Como combinado uma ou duas folhas sobre a minha experiência enquanto doente.

Penso que quando falamos não te consegui responder à pergunta principal que segundo entendi seria se os enfermeiros numa situação de doença, devido à sua experiência e conhecimentos, têm um comportamento de um leigo em questões de saúde.

Analisando algumas coisas do que te disse penso que no fundo nos comportamos como todas as pessoas: os nossos conhecimentos técnicos e prática são esquecidos ou ultrapassados.

Senão vê: quando após a ecografia me dizem que tenho um quisto os meus conhecimentos racionalizam esta informação e até a consigo gerir. Mas quando a informação é menos precisa e clara ao dizerem que tenho umas “massas abdominais” desato a chorar. Também o leigo quando lhe é transmitido um diagnóstico com terminologia desconhecida tem a mesma reacção. Em ambas as situações há o medo do desconhecido, apesar deste desconhecido ter uma origem diferente, para mim a indeterminação do diagnóstico, para o leigo a linguagem técnica e também por vezes o peso de determinadas patologias.

Como te disse todo este processo decorreu a uma velocidade que não me deu tempo para pensar pois ainda nos tempos que poderia ter tido para o fazer foram ocupados com preocupações familiares (a minha mãe), com o serviço e também penso que por vezes consigo ser racional (fria) e abstrair-me do que está a acontecer. Mas esta postura caiu por terra quando fiquei à espera à entrada do bloco e me vi só, num espaço que parecia uma estação de caminho de ferro e pensei que o que se passaria a seguir estava fora do meu controlo, que eu ia ficar dependente de outros. Penso que aí fui confrontada com a possibilidade de morrer e que os meus conhecimentos e o facto de ser profissional de saúde não me valiam de nada – era igual a todos os outros e iria depender completamente de terceiros.

Da mesma forma que os nossos doentes, também eu naquele momento pedi auxílio a uma entidade superior (pois sou católica), ainda que de forma indirecta pois como te

disse pedi ao meu pai (que já faleceu) para se algo me acontecesse olhasse pela minha mãe.

Ultrapassada a fase do pós-operatório imediato em que tive muitas dores, mas em que fui pronta e bem medicada só durante a primeira noite senti uma dor, penso que posicional.

Como te disse não chamei ninguém por achar que não era uma dor significativa apesar de na altura já estar a magicar se me teriam feito algum traumatismo a nível do pulmão! Não chamei não por ter medo de incomodar, mas porque por vezes mesmo em outras situações não valorizava a dor sentida. Posso dizer que depois desta peripécia a minha tolerância à dor é muito menor.

Quando finalmente cheguei a casa e fiquei sozinha no meu quarto desatei a chorar que nem uma madalena – Luto? Alívio? Parvoeira?

Para terminar acrescento só que apesar de tudo o que o médico me explicou após a cirurgia de nada valeu para me sossegar. Só quando vi o estudo histológico da peça operatória é que me convenci que estava bem.